

# Semanario alegre de critica ligeira

IMPARCIAL *ORGÃO DO BOM SENSO* INDEPENDENTE

DIRECTOR-LITTERARIO  
RISO AMARGO

DIRECTOR-GERENTE  
RISO DOCE

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Aurea, 149, 2.º — LISBOA

EDITOR  
Thomaz Rodrigues Mathias

Typ. do COMMERCIO DE PORTUGAL  
R. IVENS, 35

N.º 3

Domingo, 20 de Novembro de 1898

I ANNO

## Entrevista

**N**o intuito de pôr os nossos leitores bem ao corrente dos factos mais sensacionais, offerecendo-lhes garantias, que só bebidas na propria origem, teem o cunho de genuina authenticidade, enviámos um dos mais sagazes *reporters*, que por ahí circulam, a *entrevistar* o conselheiro Importancias, unico que está no segredo de todos os grandes acontecimentos nacionaes.

Tem s. ex.<sup>a</sup> uma creada, que conversa muito a miudo com um municipal, que é primo d'uma outra creada, que é irmã da aia, ou creada particular, ou coisa que o valha, da nobre presidenta... da Associação Emancipadora dos Direitos Varonis das Mulheres do Seculo XIX! D'ahi vem ao conselheiro o *beber do fino*, como vulgarmente se diz.

A supradita presidenta é tudo, até recebe ás vezes deputações — arreliante palavra! — que vão procurar o nobre esposo...

Chegado o nosso *reporter* a casa do conselheiro Importancias, e anunciado, não se fez esperar s. ex.<sup>a</sup>, e até appareceu, para não o demorar, de *robe-de-chambre* e barretinho com a competente borla cahida para o lado esquerdo; calçava chinellas turcas, e por detraz dos oculos de oiro luziam-lhe os olhinhos pardos e perspicazes; sorridente, não desdenhou estender a dextra ao nosso enviado, e para o pôr mais á vontade e felicitou-o pelo que o **O Gato** tem crescido, abrindo lhe os braços n'um fraternal amplexo, ia abraçando a creada, que pressurosa lhe trazia o chocolate; é muito cuidadosa a rapariga em não esquecer a satisfação d'aquelle antigo gosto matutino do conselheiro.

Não chegou, porém, a consummar-se o acto, porque a rapariga se desviou a tempo; a culpa tambem foi d'ella, que se metteu rapidamente de permeio n'aquella solemne situação.

Como s. ex.<sup>a</sup> se tivesse voltado um tanto bruscamente, a borla do barretinho pendeu para o lado direito, e o nosso *reporter* não esqueceu, felizmente, este pormenor importante.

Emquanto tomava o seu chocolate, do qual gentilmente offereceu uma chavena ao nosso enviado, que a creada, lepida, foi buscar, perguntou o conselheiro, compondo a sua cara mais lhana, o motivo da entrevista. Acabava o *reporter* de proferir a palavra **Gato**, quando a rapariga trazia o chocolate; solicita inquiriu logo a ladina se o **Gato** tinha orelhas; socego-a o nosso *reporter*, — Fagundes, se chama elle, — dizendo-lhe que sim, e o conselheiro replicou attencioso que a rapariguita pertencia á Sociedade Protectora, e não podia soffrer maus tratos aos animaes. — Olhe, o meu gato trata ella a primor, e mostrava envaidecido o animal!

A rapariga córou... ouvindo os elogios do patrão, e retirou-se discretamente.

Finalmente, ponde Fagundes perguntar a Importancias se lhe poderia dar alguns esclarecimentos sobre os assumptos mais palpitantes. S. ex.<sup>a</sup> ba'xou affirmativamente a cabeça com o seu mais confraternizador sorriso.

N'isto, pendeu-lhe a borla para a frente, e bamboleou um pouco, emquanto affrontado, e com gesto largo não atirou... para traz a borla.

Fagundes telegraphou immediatamente para as côrtes estrangeiras o culminante acontecimento, pelo que se espera a paz geral, quando se não consiga o desarmamento.

Que socego para as rainhas, quando os soberanos já não armem... os povos para a guerra!

Mas continuemos. Convidou o conselheiro Importancias o *reporter* Fagundes a formular as perguntas ordenadamente, elle responderia no fim.

Fagundes desenvolveu o sudario, parecia a legua da Povoia; começou:

— Não tendo sahido ao governo a sorte grande de Hespanha, por não ser permittido a quem não tem dinheiro comprar bilhetes em Portugal; não lhe tendo morrido nenhum tio rico no Brazil, nem em Cacilhas; d'onde vem o dinheiro ao dito governo para satisfazer os seus compromissos? [Primeira que te escrevo].

— Tendo-se despendido 95:510\$455 réis no trimestre findo em 31 de outubro, com a nossa representação diplomatica e consular, como se dá o caso de ser necessario nomear ministros extraordinarios, quando ha assumptos menos comesinhos a tratar? E se não é lindo que o ministro de Portugal no Rio receba cá, ha uns poucos d'annos, os seus chorumentos honorarios, succedendo o mesmo ao do Rio da Prata e outros?

— Como se explica o facto de varios jornaes estrangeiros, e com assustadora frequencia, falarem da alienação de Lourenço Marques; ser mais que certo terem pactuado sobre o caso a Alemanha e a Inglaterra?... e o governo... Moita.

— Qual a opinião de Importancias com respeito ao ultimo discurso de Salisbury, que nos aponta como um dos povos perdidos, sendo a causa d'essa ruina a má qualidade dos governos?

— O que ha a respeito do contracto da prata e d'outros mysterios correlativos?

— Quem inspira ou atiza a perseguição cruenta contra a Imprensa?

— Tá, tá, tá, tá!... Onde o senhor vae!... Por esse perguntar estaria eu a dar respostas até ao *dia de juizo*, e esse, nunca ha de chegar! Eu, antes de mais nada, já lhe dou as respostas:

— Quanto ao governo apresentar dinheiro, é isso exactamente o que se quer. Bem nos importa a nós, d'onde elle vem! Lá diz o dictado: guarda que fazer, não guardes que comer! Vá a gente enchendo a barriguinha, e quem vier atraz que feche a porta.

— A historia dos consulados já foi explicada lá no seu **Gato**; o que toda a gente quer cá na terra de Ulysses, que era brejeiro, é *consolar-se*. Ora os diplomatas que por cá gosam os proventos que lá fóra deviam ganhar, seguem as regras das Ordenações do Reino, e fazem muito bem.

— Falar-se tanto da alienação de Lourenço Marques e o governo... Moita?

Pois é exactamente por ser de lá que o governo procede como procede, e procede muitissimo bem!

— A minha opinião, com respeito ao nosso fiel aliado, Salisbury, é que elle é um grande homem, e que a culpa não é tal dos governos, mas dos povos, que teem os governos que merecem.

— Que se importa, você, com a questão da prata, isso é coisa secundaria, o que occupa as atenções do governo, é o oiro. E' o oiro, entende você, olhe que eu sou progressista, amante do progresso; onde se trata de oiro ninguem quer saber da prata... olhe que eu sou progressista!

— Quem inspira ou atiza a perseguição á Imprensa? Sou eu, saiba você que sou eu, para que acabe essa praga de bisbilhoteiros, como você, que andam a saber das vidas alheias por casas particulares...

Com a acaloração dos movimentos, a borla do conselheiro Importancias foi-lhe parar aos pés, o Fagundes esgueirou-se surratamente, enquanto a criada, ouvindo o alarido do conselheiro, vinha sollicita acalmal-o, e o gato se assanhava desalmadamente.

Fagundes, depois de ter ido a casa mudar de roupa, veio fazer-nos a descripção do *horrível* caso!

Enganára-se, havia julgado que o Importancias ainda era Regenerador!



Tão alto brada a transcripção, que só agora podemos fazer, a proposito do notavel escriptor e espirituosissimo estigmatizador dos nossos **RIDICULOS** na *Folha do Povo*, o muito estimado e estimavel jornalista Baptista Machado, que nos dispensamos de fazer comentarios.

E' como subsidio para o estudo da linda epocha em que vegetamos, que se faz o registro d'estas vibrantes e honradas palavras:

«A prisão do nosso amigo serviu para que elle ficasse bem certo da sympathia publica de que gosa, e para demonstrar ao governo que ha muitas maneiras de protestar contra aquelles que, não tendo coragem sufficiente para pedir contas, pessoalmente, aos individuos por quem se julgam aggravados, escondem-se por detraz da chamada lei de imprensa, para ferirem pelas costas os que lhe puzeram em evidencia scenas ridiculas, nas quaes elles representam papeis que provocam a gargalhada publica.»

Que resposta teria este punhado de verdade... n'outros tempos?!





A *Vanguarda*, referindo com uma benevolencia extrema e captivante, que eternamente nos penhorará, o simples cumprimento d'um dever do director litterario do **O Gato**, escreveu o seguinte:

«E' consolador registrar taes actos, n'um paiz onde os professores morrem á fome e onde a instrucção é uma mera distração... para *aficionados*.

Alimentamos ainda a esperanza de que não ha de morrer a *Associação de Escolas Moveis*»

Ora, **O Gato**, desejando secundar, no limite das suas modestas forças, a generosa e levantada idéa da *Vanguarda*, tendente a fazer prosperar a benemerita **Associação**, appella tambem para todos os espiritos lucidos e patrioticos, publicando, sempre que possa, o seguinte aviso:

### Associação das Escolas Moveis pelo methodo JOÃO DE DEUS

Todas as pessoas que queiram cumprir o dever civico de proteger esta associação, a mais util e sympathica de quantas existem no Paiz, pôdem fazel-o, enviando os seus donativos, por uma só vez ou mensalmente, para o digno thesoureiro, largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º



Pergunta-nos aqui um indiscreto, qual o motivo porque em Lisboa não se adoptaram ainda os tubos pneumaticos para a distribuição da correspondencia.

— Mas ha muito existem tubos pneumaticos, filho de Deus?

— Onde?!...

— Do thesouro publico para certas algibeiras...

— Quaes?!...

— As que você se não importa, seu abelhudo. Ora sempre é muito curioso!

Cedo a palavra a um nephelibata:

Tubos pneumaticos,  
Lindos, estheticos...  
Vão para apathicos  
De bolsos hecticos.

## BICO AUER

Unico premiado com a medalha de ouro na Exposição Industrial Portuguesa Porto 1897

**EXPOSIÇÃO PERMANENTE**

Grande variedade de candeiros e mais accessorios para o **BICO AUER**

**50 - Rua Garrett - 52**



Annunciam-se bastas vezes festas e divertimentos publicos, em que se declara reverter o producto das entradas, ou parte d'elle, para certas associações de beneficencia; as que mais vezes figuram são o asylo de S. João e o Albergue das Creanças Abandonadas.

Nada mais louvavel.

Mas como dizem ser verdade que o sr. Seguro morreu de velho e sua ex.<sup>ma</sup> esposa, a sr.<sup>a</sup> D. Prudencia, lhe acompanhou o enterro, parece-nos que avidamente andariam as direcções d'aquellas ou d'outras casas de caridade, nomeando delegados fiscaes seus, toda a vez que taes espectaculos ou divertimentos se realizem, para inspecionarem as receitas apuradas e cobrarem effectivamente as respectivas percentagens.

Ha quem diga que se assim fosse, não se realisariam tantos espectaculos caridosos.

Ou não?!...



O art. 37.º da mirifica reforma do Theatro *Anormal*, diz:

«Considerar-se-ha aceita a peça, sempre que o gerente, no praso acima indicado (*quinze dias improrogaveis*) não declarar que ella não convém aos interesses da sociedade.»

Vem d'alli o *Diario do Desgoverno* e explica: o auctor escreverá um requerimento, como para qualquer outra secretaria d'*Estalo*, em que implorará que lhe dêem noticias da sua peça.

Pois é claro como agua. Só n'um paiz de broncos é que não se percebe logo, que, quando uma pessoa tem imperiosamente a declarar qualquer coisa, é indispensavel que se lhe vá pedir por amor de Deus e de chapu na mão, que o faça.

Como tudo isto seria ridiculo, se não fosse vil.

# HONRA E GLORIA!

## Poema avariado em cantos varios

### CANTO II

#### O HEROE

*De como foi desde menino sabio e portentoso  
e em grande... muito grande!*

Alguns mezes depois, talvez uns nove,  
Um pimpolho nasceu, que o riso move  
Por sua fronte alvar e pinha aguda,  
Seu porte austero e compleição sisuda.  
Ao ver a luz já era conselheiro,  
O que elle corrobora prasenteiro,  
Pois que sua atilada perspicacia  
As decisões desbanca da pharmacia,  
Muita vez estarrece o regedor,  
E outras summidades de valor,  
Leva á parede, entupe o sacristão  
E outros intellectos de eleição!

Bacharel de nascença, que prodigio!  
Usa ás vezes tambem barrete phrygio,  
Mas só por graça e por fazer papão,  
Pois presto se desdiz, o figurão.  
Mas vae-se governando, esse é o caso.  
Tanto deve aos caprichos do acaso,  
Como a certos processos d'intrujice,  
E, emfim, ao servilismo e á sabujice.  
Vivendo n'um estúpido paiz,  
Que julga o que elle faz pelo que diz,  
Segue os conselhos bons de Frei Thomaz  
E com capa de santo... tudo faz!

Para gerir essa nação extranha  
Mister se faz mudar a honra em manha.

Eil-o emfim no pinaculo do mando,  
A custa de promessas, mas faltando,  
Como é d'uso entre gente que se preza,  
Pelo menos, assim a historia reza.  
Indifferente aos tormentos da nação,  
Vae commandando a barca Reinação,  
Até que a metta ao fundo em porto escuro,  
Para pedir o premio do seguro.  
E com tão largas como honestas vistas,  
Ultrapassa feliz quaesquer dentistas;  
E' quasi um simb'lo este heroe-fantoché  
No tal paiz d'asneira e do deboche.  
Paiz em que triumpham os penetras,  
Que deixa protestar as suas letras  
De rastos pelas ruas d'amargura,  
Sem vergonha e no auge da loucura!  
Mas cujos habitantes sempre promptos  
A andar no regabofe, como tontos,  
Dão idéa aos extranhos admirados  
D'um enorme hospital d'alienados.

N'um mar de lodo a nau lá vae singrando,  
Emquanto a marinhagem vae folgando,  
Até que ao terminar a ingloria rota  
Dê no falso baixio da Bancarrota!

Mas emquanto o naufragio se não der,  
Como é teimoso, dôa a quem doer,  
Não larga o leme o pifio timoneiro,  
Que a coisa sempre rende algum dinheiro,  
Fôra as honras, o gosto do poder,  
Que esse é de estontear, de endoidecer!...

Bradou em tempos contra as velhas normas,  
Comtudo, no poder, só faz reformas,  
Taes como as dos antigos: compadrio,  
Barriga, monopolio, pouco brio...  
O que já faz dizer ao povo-lesma:  
«Pois sim! essa cambada é toda a mesma!»

Dizem que hade erigir-se-lhe uma estatua,  
Oca por dentro, e na apparencia fatua...

— — —

### No 4.º numero o 3.º e ultimo canto — A APOTHEOSE!



## Forte, mas justo

—

Referindo-se á morte de dois eleitores, commentava a *Vanguarda*:

«Tão extraordinario é o facto, por parte da auctoridade, como extraordinario que elle se consinta e tolere por parte do publico.

Estamos, porém, n'uma época singular. Ao publico tudo lhe é indifferente. Se o roubam, cala-se; se o espancam e vexam, não reage; se levam mesmo a sanha cannibalesca até ao assassinato, emmudece e nem sequer protesta.

Isto é de morrer—dizia Alexandre Herkulano. Isto é de fugir—acrescentaremos nós.

Fugir para não presenciar a agonia d'um povo que foi grande no passado e que desaparece da historia, como um poltrão e como um covarde.

Ainda somos dos bons tempos em que a indignação popular amedrontava os poderes publicos. Hoje, já nem isso ha. Chegámos á ultima. Estamos no fim do fim.]

Quem pôde, pôde. Os governos vão abusando e o povo vae soffrendo e calando.

E o que se está vendo, para edificação das gentes...

Photographado, não ficava mais parecido.



# CAUTERIO

A Gloria do passado ainda projecta  
Por sobre nós um resto de hombridade,  
Que mais nos faz córar da vida abjecta,  
Que nos rebaixa perante a humanidade;

Agora, sem vigor nem sentimentos,  
Degenerado o sangue, os nervos lasso,  
A raça cae em paroxismos lentos  
N'um circulo fechado de embaraços.

E a resvalar n'um vergonhoso abysmo,  
Quasi soffrendo o jugo de estrangeiros,  
Campeia em toda a linha o Deus-Cynismo,  
Como n'uma horda vil de bandoleiros.

D'antes, justificadas arrogancias,  
Que o nobre orgulho d'ellas mais realça,  
Hoje n'um charco atroz de nigromancias  
Esta vil sociedade se rebalsa.

A nação indifferente é um joguete  
Nas mãos da desvergonha sem limite,  
Não a move a palavra ou o cacete:  
Requerem-se quintaes de... **Paciencia!**

\*

**NB.** — O Gato não sae para a rua sem o açamo da censura previa, a cargo da metuculosa sr.<sup>a</sup> D: Prudencia, inconsolavel viuva do nosso sempre chorado amigo, o sr. Seguro.

D. Prudencia soffreu um terrivel ataque de nervos ao ver a palavra, com que terminavamos os versos que acima se lêem, e impôz a sua substituição immediata. Não tivemos remedio senão annuir aos formaes desejos da veneravel matrona; o publico que nos desculpe.



**Lopes de Sequeira & C.<sup>a</sup>**

Modas e confecções

◆ Sempre novidades

RUA AUREA, 285 a 293

LISBOA



Chegando a um arraial, onde duas philarmonicas ésfolavam os ouvidos do proximo, e do distante, pergunta o commendador Borromeu ao reporter Fagundes: qui diabo di báru-lho é áquelle?

Responde-lhe o outro: — são duas philarmonicas a tocar ao desafio, a vêr qual toca peor... e ambas ganham o premio.

# Ainda as eleições!

Tomem o folego:

O mais venerando órgão da Imprensa do reino, aquelle cujas veridicas palavras valem mais que as do Evangelho, e que é redigido exclusivamente por escriptores laureados, carregados de cursos litterarios e scientificos, cheios de uma tão levantada isempção, que não occupam um unico logar publico, e vivem honradamente e exclusivamente de suas gloriosas pennas, o oraculo, emfim, que bebe a lymph purissima de seus sensatissimos dogmas, logo directamente da essencia immaculada do proprio governo, que paternalmente dirige os destinos d'este heroico paiz, despenhou da culminancia auriluzente da sua radiosa importancia, o seguinte:

«A Tarde, que não pôde levar á paciencia a victoria quasi geral do partido progressista nas eleições de hontem, faz hoje um grande e horrivel estendal de prepotencias»

Observemos sinceramente que, se a victoria não foi geral, mas lhe faltou o *quasi*, se deveu exclusivamente o facto, n'esta degradante comedia politica, que ahi se representa, ao cuidado de querer fingir o governo que o povo ainda tem voto na materia [materia synonymo de pus], se é que alguma vez o teve.

Damos um doce a quem nos der a explicação do que vamos expôr, e que, aliás, não é novo.

Em Portugal ha actualmente dois grrrandes partidos, que se revezam na occupação dos *consulados*, ambos monarchicos, constitucionaes, catholicos... emfim, differindo exclusivamente em se chamar um Regenerador — sem nada regenerar — e outro progressista — sendo essencialmente conservador — e a prova é que tem conservado tudo que na opposição jurou dissolver.

E, para em tudo serem identicos, teem misteres communs: na opposição, dizem mal do governo; no governo, esbanjam o mais possivel.

Parece até que os artigos politicos das folhas assalariadas se reproduzem periodicamente, seguindo a farçante rotação dos *consulados*.

Ora, não differindo nem na essencia nem nos processos de governo os dois grrrandes partidos politicos, qual a razão da sua existencia?

A resposta a isto é que apanha o doce.

E fiquemos por aqui hoje, que isto não vae a matar.



Vêr navios no Alto de Santa Catharina: posição a que ninguno aspira, mas que quasi todos alcançam.

# THEATROS

Se fosse um medico, que tivesse de *tratar* da Josephina, como promettemos no nosso ultimo numero, limitar-se-hia a passar a respectiva certidão de obito; nós, porém, como criticos, diremos simplesmente aos nossos amaveis leitores que não vale a pena gastar cera com ruins defuntos.

A verdadeira Josephina, a que foi traduzida por Souza Bastos, mas não para a Trindade, rendeu a alma ao Creador logo na primeira noite; essa, que para ahi ainda apparece nos cartazes e no palco do Avenida, é a distinctissima actriz Lucinda do Carmo, que empresta ao *cadaver morto da defunta fallecida* uma vida encantadora, porém, ficticia.

Mal avisada andou a empreza do Avenida em querer resuscitar a velha peça. Que em breve qualquer outra lhe dê fartas compensações, é o que do coração lhe desejamos.



## Transcrevemos do *Tempo*:

«**Arvores do Rocio.**— Conta um jornal :

«Começou hontem o corte nas arvores do Rocio, limpeza que a camara todos os annos manda fazer áquelle arvoredão.»

Lá isso é verdade.

A camara todos os annos manda limpar as arvores, não só as do Rocio, mas as de toda a cidade.

E de tal maneira as limpa que as deixa em *arvore secca*.

Os nossos edis em questões de limpezas chegam até ao exaggero.

Pois guardem o seu aceio para outras coisas e deixem as pobres arvores; não as *podem* assim tão cruelmente.

E' coisa notavel que a vereação de Lisboa emprega todo o seu cuidado no desenvolvimento do tronco principal das arvores e vota guerra de exterminio ás hastes que proporcionam abrigo contra as ardencias do sol do estio.

Ora, perdão, nem tanto.

Na Praça da Alegria existem uns gigantes-cos pennachos vegetaes, que não favorecem ninguém com sombra, pois estão no meio de cantiteiros, e interceptam por completo aos predios da ala poente a vista para a Avenida.

Portanto, que os nobres edis cortassem menos n'umas e mais n'outras arvores é que seria para desejar.



## D'um collega sensato :

«**As riquezas da nossa Africa.**— Chegaram a Lisboa noticias de terem sido descobertas riquissimas minas de ouro nos territorios de Manica.

Apurado o caso, soube-se que essas minas estão situadas nas vastas regiões de que a Inglaterra se apoderou depois da sentença ultimamente dada pela arbitragem italiana.

Quer dizer : o territorio hoje é inglez.

*Triste tudo isto !»*

Eu sou muito teu amigo,  
Disse-me alguém no Rocio,  
De longe te trouxe um figo,  
Mas, quando te vi, comi-o.

As colonias tinham ouro,  
Mas estava alapardado,  
Cabi-lhe uma ave de agouro,  
Ficou o Paiz roubado.

Não morremos como a Martha,  
Bem contraria é nossa sina :  
Comem-nos outros á farta  
E fica a gente á divina !

Nunca produzem dinheiro  
As colonias da nação,  
Cahem na mão do estrangeiro  
Produzem um dinheirão.

Mas, condemnados á morte,  
Digo aqui á puridade :  
Será por falta de sorte,  
Ou falta de honestidade ? ! . . .



## Dizem varias gazetas:

«A comissão executiva do centenario reúne no proximo domingo, ás 2 horas da tarde, no edificio do Aquario, em Algs.»

Ora até que emfim ! Já se sabe para que serve o aquario !

**A administração do O GATO está sómente aberta da 1 ás 3 horas da tarde, excepto aos sabbados, em que se conserva aberta durante o dia, e até ás 10 horas da noite.**



# O DIABO COXO

## ROMANCE DE LE SAGE

(Continuação do numero 2)

— Isso é verdade, disse o espirito, reservava essa franqueza para o fim. Sou o diabo da luxuria, ou, para fallar mais honrosamente, o deus Cupido; foram os poetas que me deram este lindo nome, e esses senhores pintam-me vantajosamente. Dizem que tenho azas douradas, uma venda nos olhos, um arco na mão, uma aljava cheia de flechas pendente das espadas, e com tudo isto uma belleza arrebatadora. O senhor verá dentro em pouco, se tiver a bondade de me dar a liberdade.

— Sr. Asmodeu, replicou Leandro Peres, ha muito, como sabe, que lhe sou inteiramente dedicado; o perigo, por que acabo de passar, bem o prova. Sinto-me feliz por encontrar meio de lhe prestar serviço, mas o recipiente, que o contém, está, sem duvida, encantado: debalde tentarei tirar-lhe a rolha ou quebral-o, portanto não sei por que meio poderei arrancar-o da prisão. Não tenho grande pratica d'este genero de livramentos, e, aqui para nós, se, tão fino diabo como é, não conseguiu safar-se, como poderá um simples mortal conseguil-o?

— Os homens tem essa faculdade, respondeu o demonio. O frasco, em que estou mettido, não passa de uma vulgar garrafa de vidro, facil de quebrar. Basta agarral-a e deital-a ao chão, immediatamente apparecerei sob a fórma humana.

— N'esse caso, diz o estudante, a coisa é mais facil do que eu julgava. Diga-me então em que frasco está, ha muitos eguaes, não posso distinguil-o.

— E' o quarto do lado da janella, respondeu o espirito. Apesar da rolha ter um sello magico, a garrafa não deixará de se quebrar.

— Está bem, redarguiu D. Cleophas. Estou prompto a fazer o que deseja, uma unica difficuldade me detem: depois de o ter libertado, tenho receio que me façam pagar o valor do frasco.

— Nada receie, replica o demonio, ha de até ficar satisfeito com o meu conhecimento, Ensinar-lhe-hei tudo que quizer saber; põl-o-hei ao facto de tudo que se passa no mundo; patentear-lhe-hei os defeitos dos homens; serei o seu demonio tutelar, e, mais esclarecido que o genio de Socrates, hei de tornar-o mais sabio ainda que o grande philosopho. N'uma palavra, entrego-me ao senhor com todas as minhas qualidades boas e más, e não lhe hão de ser menos uteis umas do que outras.

— Boas promessas, concordou o estudante, mas não falta quem accuse os senhores diabos de não serem muito religiosos em cumprir o que promettem.

— Não deixa de ter fundamento essa accusação, convém Asmodeu. A maior parte dos meus collegas não tem escrúpulo em fallar á palavra dada. Quanto a mim, visto não poder, por outra fórma, pagar o serviço, que espero me faça, serei escravo dos meus juramentos, e juro por tudo que os torna inviolaveis, que não o enganarei. Conte com a garantia que lhe dou; e demais, o que lhe será muito agradável, offereço-lhe vingal-o esta mesma noite de D. Thomazia, d'essa perdida dama que tinha escondido em casa quatro seclerados, para o surprenderem e obrigarem a casar.

O moço Zambullo ficou muitissimo satisfeito com esta ultima promessa. Para lhe abreviar a execução, apressou-se a agarrar o frasco onde estava o

espirito, e sem se preoccupar mais com o que poderia acontecer, deixou-o cahir com toda a força.

Quebrou-se em mil bocados e inundou o sobrado com um liquido escuro, que se evaporou pouco a pouco, convertendo-se n'uma fumarada que, dissipando-se repentinamente, paténteou ao estudante surprehendido uma figura d'homem com um capote, tendo uns dois pés e meio de altura, apoiado a duas mulletas.

O monstrosinho coxo tinha pernas de bode, rosto comprido, barba ponteaguda, cõr amarella e preta e nariz muito achatado; os olhos, que pareciam muito pequenos, faziam lembrar dois carvões accesos; a bocca, excessivamente larga, era ensombrada por um grande bigode ruivo retorcido, e bordada por dois beiços sem rival.

Este gracioso cupido tinha a cabeça envolta n'um turbante vermelho, encimado por um pennacho de pennas de galo e de pavão. Trazia ao pescoço uma gravata de panno amarello, onde estavam desenhados diversos modelos de collares e brincos. Revestia-o uma especie de tunica curta, de setim branco, com uma grande facha de pergamino virgem, completamente crivada de caracteres talismânicos. Na tal tunica viam-se pintados muitos artigos para uso das damas, como chales, aventaes multicores, penteados novos, extremamente bizzaros,

Mas isto nada era em comparação com o capote, cujo fundo tambem era de setim branco. Tinha uma infinidade de figuras pintadas a tinta da China, com tal liberdade de pincel, e expressões tão extravagantes, que bem se via ser obra do diabo.

Notava-se a um lado uma hespanhola com mantilha, que desafiava um estrangeiro; do outro, uma franceza, que estudava ao espelho novos jogos de physionomia, para os experimentar com um joven abade, que apparecia no liminar do quarto d'ella, friamente e corado. Aqui, uns italianos cantavam e tocavam guitarra debaixo dos balcões das namoradas, alli, allemães, desmantelados, com o fato desabotoado, mais enfrascados em vinho e tresandando a tabaco do que qualquer peralvilho francez, rodeavam uma mesa cheia com os destroços d'um festim. N'um sitio via-se um senhor musulmano, sahindo do banho, cercado por todas as mulheres do seu serralho, que se acotovelavam para lhe prestar serviços, n'outro, um gentilhomem inglez, que offerecia graciosamente á sua dama um cachimbo e um copo de cerveja.

Differençavam-se tambem jogadores, maravilhosamente bem desenhados: uns, cheios da mais viva alegria, enchiam os chapéus com ouro e prata; outros, jogando já só palavra, volviam aos ceus olhares sacrilogos, mordendo as cartas com desespero.

Emfim, viam-se-lhe tantas cousas curiosas quantas havia no admiravel escudo, que Vulcano forjou a pedido de Thetis; havia, porém, uma differença entre as obras dos dois coxos: as figuras do escudo não tinham relação alguma com os feitos d'Achilles, pelo contrario, as do capote eram outras tantas imagens fieis de tudo o que se pratica no mundo por suggestão de Asmodeu.

(Continua)

## CORRESPONDENCIA

Foi-nos enviado dentro d'um 2.º numero do **O Gato** um bilhete d'um destemido, honrado e espiritoso *anonymo*, concebido nos seguintes termos:

«Rogo á Dig.<sup>ma</sup> Redacção do... *Gato* a fineza de não *seringar* a humanidade.

Seria muito amavel, se na volta do correio nos devolvesse o *vintem-sinho*!»

Ora, como a Empreza do **O Gato** estabeleceu aceitar as sobras aos garotos, que lhe fazem a venda, nada lhe custa restituir o *vintem-sinho*; como, porém, não póde andar com uma campainha por essa bella cidade da asneira a perguntar quem é o intelligente *anonymo* do bilhete, espera que s. ex.<sup>a</sup> se digne vir buscal-o; ser-lhe-ha promptamente entregue.

PORTALEGRE.—Hippion—Queira dizer o nome para se lhe escrever.



As reformas do paternal e magnanimo governo, que felizmente preside aos destinos do Paiz, teem revolucionado tudo, desde as restricções tão honradamente feitas ás desmedidas exigencias da Companhia das Aguas, até ao equitativo augmento de salarios, concedido aos empregados inferiores do Estado, que realmente estão agora n'uma invejavel situação de jejum...

Como os governos se parecem todos uns com os outros, benza-os Deus!

Ora... pois! Paciencia!

N'este paiz de reformas  
Tudo vae de mal a pessimo!

Tudo manco!

No trilho de velhas normas,  
Isto já não vale um decimo,  
Que sae branco.

Reforme-se a sociedade  
No fóro da consciencia:  
Mais brio e mais probidade,  
Menos léria e mais sciencia!



Continuamos a publicar com prazer, e agradecemos, as referencias de mais alguns amáveis collegas:

### O Primeiro de Janeiro:

«Em Lisboa appareceu um novo semanario alegre, de critica ligeira, intitulado **O Gato**.»

### Gazeta de Sinfães:

«**O Gato**.—Recebemos a visita d'este novo semanario, que vem de se publicar na capital.

E' um jornal critico e apresenta-se bellamente redigido.

Ao novo collega as nossas boas vindas, e desejamos-lhe uma vida prospera e longa.»

### O Villafranquense:

«**O Gato**.—Fomos visitados por este semanario humoristico, que vê a luz em Lisboa. E' muito bem redigido.

Oxalá que os *cães* não matem **O Gato**, como infelizmente está succedendo a muitos periodicos.

Estabelecemos a permuta.»

### Independente Reguense:

«**O Gato**.—Assim se intitula um excellente semanario humoristico que principiou a publicar-se em Lisboa, e cujo primeiro numero temos presente.

**O Gato** é um periodico escripto com muita graça e distincção, e magnificamente impresso em bom papel.

As nossas boas vindas ao novo collega, a quem desejamos muitas prosperidades.»

### Jornal da Feira:

«**O Gato**. E' o nome d'um bem redigido semanario alegre, de critica ligeira—órgão do bom senso—imparcial e independente, que se publica em Lisboa.

Recebemos o 1.º numero, que muito agradecemos, desejando ao **Gato** longa vida e muita felicidade.

### Semana Alcobacense:

«**O Gato**.—Sahiu o 1.º numero d'este semanario alegre de critica ligeira. Brincalhão e perspicaz, fino e «diplomata», **O Gato** entretém-se um instante com qualquer facto mais palpitante, aproveita-lhe tudo que possa servir de passatempo aos «instinctos» de animal da «sua raça», depois apanha outro e outro, sempre com egual habilidade, delectando-nos com suas «piruetas» e arrancando-nos a gargalhada.

Agradecemos a visita e vamos permutar.»

### O Districto de Portalegre:

«Recebemos e muito agradecemos a visita do nosso collega **O Gato**, semanario alegre de critica ligeira, que se começou a publicar em Lisboa. Longa vida.



**O Gato** agradece a visita dos seguintes collegas:

*Jornal de Paredes.*

*O Vimarense.*

*A Flor do Tamega.*

*A Discussão.*

*A Civilização Popular.*

*O Meridional.*

*O Aldegalense.*

## EXPEDIENTE

Lembramos aos nossos estimaveis assignantes da provincia, em atrazo, a conveniencia de enviarem a importancia das suas assignaturas, afim de não deixarem de receber o 4.º numero do **O GATO**.